

**13/7/1986**

**Enterro reuniu 5 mil pessoas**

Leme (SP) — Cabisbaixas, silenciosas, ouvindo apenas o som cadenciado de seus próprios passos, cerca de 5 mil pessoas — a maioria bóias-frias — acompanharam ontem o cortejo fúnebre de Cibele Aparecida Manoel e Orlando Correa, mortos na sexta-feira em choque entre a Polícia Militar e os trabalhadores rurais de Leme.

A revolta da população só estourou à porta do cemitério quando repetiram o velho refrão: “o povo unido, jamais será vencido”. Os esquifes transpuseram os portões do cemitério ao som do Hino Nacional e baixaram à sepultura sob palmas, como se fossem heróis. A Polícia Militar foi retirada das ruas da cidade enquanto durou o cortejo.

Leme acordou agitada e perplexa. “Desde que nasci, aqui, há 62 anos, nunca vi nada igual em Leme”, observou o mestre-de-obras Paulino dos Santos, que dispensou seus homens na construção para ver o cortejo passar, assim como o comércio, que silenciosamente cerrou as portas com a aproximação das umas funerárias.

Os corpos de Cibele e Orlando foram velados durante toda a noite. Ela na Casa da ex-patroa e ele na sua própria residência. Às 9h50min, os dois cortejos se encontraram no bairro de Santa Rita. Com carinho e cuidado, os amigos retiraram as umas dos carros funerários e a partir daí revezaram-se nas alças durante todo o caminho, até a Igreja Matriz, onde foi realizada missa de corpo presente. Com os olhos vermelhos pela noite insone e pelo choro contido, José Carlos da Silva, 22 anos, foi o primeiro a pegar na alça do caixão de seu amigo Orlando.

No cortejo funerário até a igreja paroquial, os trabalhadores limitaram-se a rezar o Pai Nosso. As mulheres carregaram o caixão de Cibele e os homens, o de Orlando. Em cima do caixão da menina morta, que ficaria noiva no próximo sábado, a última homenagem dos amigos: “Você que perdeu a vida inocente”.

O ato litúrgico realizado na praça da Igreja Matriz começou às 11h e durou cerca de uma hora. Celebrada pelo bispo da diocese de Limeira, João Fernando Legal, a missa contou com a participação de 31 padres, incluindo representantes da CNBB — Conferência Nacional dos Bispos do Brasil e mereceu um discurso emocionado do celebrante: “A Igreja está disposta a pagar com o sangue de seus religiosos e leigos o preço da transformação da sociedade. Que o sangue desses dois seja semente para isso”, pregou o bispo de Limeira que pediu também a identificação e punição dos culpados.

“Almejamos que o compromisso verbal das autoridades se transforme em gesto concreto”, declarou. Na missa apenas um representante do governo estadual, a secretária do Trabalho de São Paulo, Alda Marcoantônio. O ministro do Trabalho, Almir Pazzianotto, enviou uma corbélia de flores.

Do local onde as umas se encontraram até o cemitério, a população de Leme andou oito quilômetros acompanhando os dois mortos. No cemitério os caixões foram novamente abertos e durante uma hora o povo voltou a desfilar diante deles. Pouco antes das 2h, as duas umas baixaram as suas sepulturas que foram cobertas com a terra jogada pelos amigos e pela população. Nenhum discurso ou palavra de ordem, só uma salva de palmas, como durante todo o dia o povo pobre de Leme mais uma vez chorou em silêncio.

**“O que é PT”**

Inconformada, aos prantos, sem dormir a noite inteira, a mãe de Cibele, Inês Pinheiro dos Santos, só sabia, ontem, pedir justiça. Ela não pôde acompanhar o cortejo da filha, dado seu estado nervoso. "Ela queria ser rica na vida", lembrava. No próximo sábado, Cibele Aparecida Manoel realizaria um de seus grandes sonhos, ficar noiva, e já fazia planos para o casamento. Ontem, em cima de sua sepultura, uma de suas tias, Katia de Oliveira, depositou uma grinalda e um véu de noiva.

Os parentes das vítimas tiveram poucas oportunidades de se despedir dos entes queridos. No cemitério nenhum parente chegou a ver quando as umas baixaram a sepultura. A multidão acabou impedindo o acesso. A viúva de Orlando Correa, Sueli, só tem um desejo na vida, sair de Leme e voltar para Itápolis, "de onde nunca deveria ter saído".

Abraçada aos dois filhos, ela procurou ficar a maior parte do tempo possível junto ao marido, com quem se casou aos 12 anos. "Quem estava perto viu. O povo está falando que foi a polícia que matou. Eu só quero sair daqui". Sueli surpreendeu-se com a versão de que o incidente teria sido provocado pelo PT. "E o que é PT?", indagou surpresa.

**(Página 18)**